

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Soares

registada em 2008-09-10
por

Susana Pires e Jenny Campos

António Soares

António Soares nasceu a 25 de Janeiro de 1918, nos Pardieiros. Filho de José Soares e Ermelinda de Jesus ambos naturais dos Pardieiros. Desde cedo aprendeu com a mãe a arte de tecer, porque os seus pais diziam “é bem saber de tudo”. Recorda-se do som da harmónica do seu irmão e das brincadeiras lá em casa. Não andou na escola porque como era o mais velho teve que ajudar os seus pais. Casa com Isaura na Benfeita depois da autorização da sogra que lhe atribui “competências para casar”. Depois de enviuvar casa uma segunda vez, em Lisboa, com Maria do Carmo. Do seu percurso profissional recorda as colheres de pau que fez e o trabalho na Praça da Figueira e Calçada de Santana. Voltou para os Pardieiros há quatro anos onde passa os seus dias entre o trabalho do campo que vai conseguindo fazer e onde permanece a vontade de apanhar todo o seu azeite.

Índice

Identificação António Soares.....	4
Ascendência José Soares e Ermelinda de Jesus.....	4
Infância Quatro rapazes e uma rapariga.....	6
Casa A casa da avó.....	7
Educação "Não aprendi nada, já fazia muito serviço".....	7
Religião De dia procissão, à noite arraial.....	8
Costumes	8
Lugar	13
Namoro "Todas gostavam da gente".....	13
Casamento Comida farta e fato à medida.....	15
Percurso profissional Primeiro as colheres, depois a tropa e até ao fim a fruta.....	17
Quotidiano "É silvas, é fetos, é tudo".....	20
Sonhos Apanhar o azeite.....	20

Identificação *António Soares*

O meu nome é António Soares. É pequenino. Nasci a 25 de Janeiro de 1918. Nos Pardieiros.



António Soares

Ascendência *José Soares e Ermelinda de Jesus*

Os meus pais eram os dois de Pardieiros. O meu pai nasceu na Mata da Margaraça. Os meus pais estavam lá, na mata, de guarda. Agora não fica lá ninguém mas, noutro tempo, ficavam e faziam uma vida. Tinham uma casa que era dos patrões, mas eles estavam a reparar por aquilo. Tínhamos uma propriedade pegada mas, está claro, não dava bem o suficiente para a vida deles, para comer. Os patrões deram mais um bocado lá da mata para eles amanharem,

para terem para comer. Depois a minha avó tinha uma casa em Pardieiros e então vieram para cá, mas iam para lá cultivar, amanho as terras. Semeavam batatas, feijão, o que calhava para comer.

Tecedeira em troca da merendada

A minha mãe era a Ermelinda de Jesus. Era tecedeira. Era muito boa pessoa. Olhe que não há ninguém que diga mal dela. Não há ninguém. Ela era boa para toda a gente. Os meus irmãos e eu todos sabíamos qualquer coisa de tecer. Até a gente tecíamos. A botar o fio e depois a bater. Mas a gente sabíamos. A minha mãe e o meu pai diziam:

- "É bem saber de tudo."

Se a minha mãe, por exemplo, adoecesse, que tivesse o trabalho a meio, a gente acabávamos o trabalho. Íamos tecer também, ajudar a botar uns rolos. O meu pai dizia:

- "Aprende-se a saber de tudo. Pode não ser preciso mas se for preciso... "

Dava-se o caso que a minha mãe morria, isto é um supor, ou estava entrevada que não pudesse, a gente tecia de umas pessoas e de outras, que se tecia para fora, a gente fazíamos aquilo. Era mantas, pano até para calças! Calças daquelas fortes para o Inverno, boas, daqueles panos. Fazia-se o que se podia. Ela tecia mas não vendia. Nesse tempo, toda a gente tinha gado depois trocavam aquela lã por umas maçarocazinhas redondas. Depois vinham umas, vinham trazer uma sacada, trocava a lã, porque nesse tempo era preciso. Havia um fulano, na Benfeita, que negociava nisso. Levavam um saco de lã, pesavam-no e depois traziam aquele saco.

A minha mãe era assim: uns tantos metros, recebia a dinheiro, e outros tantos metros chamavam elas a merendada. Davam umas tantas tigelas de feijão ou umas tantas tigelas de castanha. Nesse tempo, havia muita castanha. A gente queria passar, às vezes, pelas estradas e estava tudo cheio de castanhas por aí fora. A minha mãe aproveitava tudo.

Eram uns seis pedreiros

O meu pai andava nas obras, nas casas. Ia para o Monte Frio, para o Sardal, ia para a Benfeita. Havia uns seis pedreiros e vinham-lhe falar para irem trabalhar para fazer as casas.

Infância *Quatro rapazes e uma rapariga*

Éramos cinco irmãos. Quatro rapazes e uma rapariga. A rapariga foi a mais velha, depois é que vieram os rapazes. A minha irmã casou com um primo, tinha a casa pegada com a nossa. A gente não gostava muito que ele casasse com ela. A rapariga começou assim a desviar-se e depois ele arranjou outra. A outra morreu e, novamente, veio para a minha irmã. É o que tem de ser ou qualquer coisa.

"Os filhos em casa é uma alegria"

Quando éramos pequenos, brincávamos todos. O meu irmão foi comprar uma harmónica a uma terra, para o lado de lá da serra. Puxava-lhe para aquilo! Não tinha dinheiro que chegasse e eu e os meus irmãos todos contribuíamos. Dávamos dinheiro para ele ir buscar a harmónica. Ele gostava daquilo. Depois ia para uma janela a tocar, a tocar. E a gente gostava de ver aquilo. Era como a minha mãe dizia:

- "Enquanto tenho os filhos todos dentro de casa é uma alegria."

A gente dávamo-nos bem uns com os outros, e andávamos para um lado e para o outro. Depois quando a gente cresceu, éramos como o lobisomem, íamos de uma terra para outra. Sabíamos bem onde havia as coisas jeitosas. Passámos um tempo bom. A gente íamos para uma terra, íamos para outra e éramos estimados por todos. Não tratávamos mal ninguém. Chegámos a ir para a Benfeita, íamos para o Sardal adiante e sem haver brincadeira. A gente quando chegava éramos dois ou três rapazes. Pronto, eram as raparigas e os rapazes a organizar um baile para a gente se divertir.

"Já se vê bem na rua"

Todos os dias, a gente levantava-se cedo. A minha mãe para a gente ir fazer alguma coisa dizia:

- "Ó meninos já é de manhã, já é de manhã, já se vê bem na rua".

E a gente levantava-se, para irmos tratar dos animais, do gado, ceifar erva e, outras vezes, deitá-los para a rua, para eles andarem a pular na fazenda. E era assim a nossa vida.

Casa A casa da avó

A minha casa era no cimo da aldeia. Até está com o telhado tirado. Comprou-a um fulano que anda para arranjá-la. Era a casa da minha avó e depois ficou para o meu pai. Era uma casa boa, de três andares. Tinha duas cozinhas, uma no segundo andar e outra no primeiro. No primeiro, estava a minha avó, a mãe do meu pai. E fizeram em cima, num quarto, uma cozinha para o meu pai e a mulher estarem a viver. Tinha três quartos no andar de baixo e três quartos no andar de cima. E a minha mãe tinha um ocupado porque era tecedeira, tinha lá o tear para tecer as coisas.

Educação "*Não aprendi nada, já fazia muito serviço*"

Eu não fui à escola. Nessa altura, a escola esteve três anos embargada, por causa de uma janela. A janela era mais larga ou mais pequena do que estava no projecto. Esteve três anos a escola preparada e sem funcionar. Passou-se muito tempo, e mais dois irmãos chegaram-se a mim. E os meus pais diziam que não podiam andar três na escola e eu que era o mais velhito, que já fazia muito serviço.

Eu gostava de ter ido à escola. O meu pai dizia:

- "Então, a gente não tem para comer. E agora para comprar livros, e comprar isto para três?"

E eu, está claro, como já fazia muito serviço, fiquei. Para eles dois aprenderem, eu fiquei. Nesse tempo, a professora era muito boa senhora. Havia aí raparigas, que também estavam a passar da idade e os pais, ou as mães, foram-lhe falar e, à noite, depois dos trabalhos, iam estar uma hora na casa da professora. Mas eu não fui. As raparigas ainda aprenderam qualquer coisa e eu não aprendi nada. Isto de fazer uns riscos tem sido assim, mas o mais não sei. Posso dizer que aprendi a fazer o meu nome, muitas vezes, a copiar por outra coisa. Havia um rapaz que andava na tropa, nem era aqui de perto, era de longe e dizia-me assim:

- "Ó Tónio, se souberes escrever o teu nome já é bom."

E posso dizer que ele é que me ensinou a fazer o nome, mas não vale nada porque eu não assino nada. Eu assino mas eu não sei o que é que lá está. Vou assinar e:

- "Ó fulano assina aqui isto."

A gente assina, por exemplo, sabendo ler vê, mais ou menos, o que está a assinar. Assim não. Eu assino uma coisa que não sei o que está escrito. Se é para mal uma pessoa pode ser prejudicada.

Religião *De dia procissão, à noite arraial*

Fiz a doutrina no padre da Benfeita. Ele era até da Dreia. Era o padre Correia. Para festas havia quase sempre dinheiro. E agora reclamam que o dinheiro é pouco, porque aumentaram. O padre vinha cá e fazia isto tudo. Nesse tempo ainda era barato. O tempo era outro, era mais barato. A música também era mais barata e vinha de vésperas. A Irmandade fazia uma procissão. Levavam-na à Senhora das Necessidades, aquele santuário adiante. Depois os donos daquilo morreram e estava-se a ver que aqui não tinham posses para aguentar e entregaram então à Benfeita, à freguesia. E eles é que tomaram conta daquilo. Fazíamos uma procissão, fazia-se um arraial, de véspera para o dia da festa. Vinha a música à noite, à tardinha, trazia-se os andores da Senhora das Necessidades para cá para a procissão. Vinha a música, vinha a Irmandade formada, vinha tudo para cá. Chegava cá, estava na capela. À noite era o arraial.

Costumes

"Nos bailes era agarrados"

Os bailes eram melhores do que agora. Era agarrados. A gente, naquele tempo, era a agarrar e, às vezes, a carinha encostada, era como se podia. Chegámos a ter duas brincadeiras: as pessoas de idade a dançar, os pequenos, de 15 anos, 12 anos a divertir-se à parte a tocar umas flautazitas. Era a mocidade bonita e agora não, agora mesmo as brincadeiras não são como eram naquele tempo.

Enquanto jogava fugia o gado

Jogávamos à porta das tabernas. Nesse tempo havia duas. Primeiro até a gente, quando andávamos a guardar o gado, uns com os outros, fazíamos umas pedrinhas redondas, espetávamos um prego, era assim. Quando andávamos no campo, se juntavam três ou quatro era:

- "Vamos jogar o fito um bocado".

Fugia muitas vezes o gado, fugiam para o milho. A roerem o milho e feijoeiros. A gente entretia-se com aquilo e o gado toca a andar.

Havia umas piornas com quatro letras em volta (R, T, D, P): rapa, tira, deixa e põe. Quando ela tombava, para o lado que caía é que marcava. Tirava um, por exemplo, e ficavam os outros. Se era põe tinha que pôr conforme aquilo que estava destinado botar, e se era rapa, era tudo. Já era dinheiro, naquele tempo. Se calhasse põe, no lugar de tirar, punha. Naquele tempo, o dinheiro era também pouco mas alguns já arranjavam um saquito.

Matança do porco, era tudo à traição

Em Pardieiros, como quase toda a gente tinha muitos filhos, quase toda a gente matava dois porcos. Matava agora um, deixava o outro no curral para matar daqui a dois meses, por exemplo. Outros matavam juntos. Metiam tudo numa arca, com sal, e dali faziam enchidos. Havia aí uns homens que matavam os porcos, depois queimavam o cabelo, faziam-lhe a barba. Era tudo à traição. Foi dali que começaram a fazer às pessoas as operações. Começaram a aprender.

Então depois de matar o porco, aproveitavam as miudezas todas, migavam miudinho para fazer os enchidos, faziam aquilo e botavam no fumeiro, numas varas em cima da fogueira, para secar. A carne tiravam-lhe os presuntos, tiravam os outros bocados, cortavam, salgavam tudo e encamavam numa arca. Chamavam aquilo a tina da carne, com muito sal, dois sacos, por exemplo, ficava aquilo enterrado, ou quinze dias ou um mês, para apanhar o sal. E dali iam tirar, quando queriam um bocadinho, à medida das pessoas, para comerem. E não queriam que sobrasse. Não botavam um bocado ou dois de carne para sobrar.

As espigas dos abraços

Nas desfolhadas abria-se o milho, tirava-se o folho. Às vezes, as raparigas começavam a fugir, tinham as espigas encarnadas, chamavam as espigas dos abraços. Algumas não queriam abraços e estavam a descascar e, às vezes, corria-se a roda. Estava um monte de milho e estavam todas em volta a tirar o folho, e umas punham-se a fugir por causa de não quererem ser abraçadas, outras consentiam, diziam:

- "Então isto não prejudica nada."

Era uma brincadeira. Mas algumas, está claro, não queriam.

Forno e frigideira

O milho era para fazer o pão. Quase toda a gente tinha moinhos nessa barroca. O milho moía-se, vinha em farinha. Depois aquecia-se uma caldeira de água quente, amassavam, naquele tempo, com os braços. Quase toda a gente tinha forno para cozer o pão e frigideira de carne.

Queijo com asseio

Faziam muito queijo. Quase toda a gente tinha um rebanho de cabras e um de ovelhas. Eu queijo nunca fiz. Mas havia quem fizesse, quando as mães estavam doentes, e não tinham irmãs. Até na Benfeita, havia uns rapazes, que as mães, volta e meia tinham umas "macacoas"¹, de estarem doentes, faziam eles os queijos. Em Côja era o Zé Feiteira que fazia o queijo em casa da mãe.

A mulher levava um "garruço"² à cabeça e usava um avental. Era feito com asseio, naquele tempo, podia-se comer queijo em qualquer casa que a gente sabia como era o seu arranjo.

O azeite, chegava para tudo

O azeite era feito em Pardieiros. Na Benfeita havia dois lagares e nós tínhamos um, agora está no meio das silvas.

Apanhavam-se as azeitonas, punham-se num monte, botava-se uma mão cheia de sal para cima, para o azeite ser mais gostoso. Depois vinham os lagareiros, tinham carros para transportar, ensacavam a azeitona. Às vezes, tinham uma dúzia de sacos. Vinham-no buscar, levavam para o lagar, estavam lá outros homens a tratar dele. Levavam a azeitona, traziam o azeite. Descontavam o que queriam, e roubavam o que queriam. Mas naquele tempo chegava para tudo.

Eu cheguei a ter 18 sacos de azeitonas e agora não tenho nenhum. Morreram-me as mulheres e foram para muito caro os ordenados da apanha. Não dá para os ordenados de agora. Os dias são pequenos, muito frios, já não fazem nada de manhã enquanto não vem o sol.

¹ indisposições

² gorro

"A madeira era mais quente para os pés"

Antigamente andava-se muito descalço. Rapazes e raparigas. O calçado de madeira era mais quente para os pés. Naquele tempo, as crianças, os rapazes e as raparigas era tudo com calçado de madeira. Aqueles que podiam melhor, os pais já iam comprando uns chanatozitos, uns sapatitos. Outros, está claro, os pais não tinham ordenado, era assim do campo. No Inverno, não havendo calçado era andar aí pelos caminhos a pisar geada e neve. Neste sítio nevava muito. Estava aí uma camada de neve, semanas. E agora não. Agora há uns anos que não há nada.

Um caldo melhor que café

Nesse tempo tínhamos muita castanha. Comíamos em cru, assadas e botávamos num caniço por cima da fogueira. Botava-se ali a castanha a secar. E depois pisava-se. Depois de estar seca, tínhamos uns cestos redondos, botava-se para uma cesta de castanhas, saltava-se lá para dentro com os sapatos e pisava-se, punham-se as castanhas brancas. Comia-se bem aquela castanha cozida e fazia um caldo. Um caldo daquela castanha era melhor do que café. Coziam-se aquelas mais pisadas que não tinham casca, porque aquela casca era amarga. Cozia-se numa panela, botava-se o sal, claro. Não há comida nenhuma que não goste de sal. Nem era preciso migar pão nem nada, a própria castanha era doce. Comia-se umas em cru, assadas e outras cozidas depois de estarem secas, pisadas. Comia-se o que aparecia.

Médicos, barbeiros, pedras quentes e chás

Antigamente havia médicos, havia. Vinham quando o chamavam. Em Côja havia sempre dois médicos. Uns eram de um médico, outros eram de outro. Mas, nesse tempo, os dinheiros eram poucos. Também havia o José Augusto Martins. Vinha o médico, que era amigo dele, que passava uma autorização para ser ele a tratar do doente. Ele tratava aí de toda a gente. Dava injecções, tratava de medicamentos receitados por médicos. Por acaso era boa pessoa e fez cá falta. Agora há uma rapariga na Benfeita, que é neta dele, e ele pô-la a jeito de ela também fazer alguma coisa. Ela trata de qualquer doente também. Trata bem.

E era o Zé Maria, o Linhaça, esse era barbeiro. Puseram-lhe o nome de Linhaça porque ele fazia qualquer coisa, preparava a massa, e botava-lhe em cima com uns paninhos. Naquele tempo, quando nos doía barriga a minha mãe

punha umas pedras redondas que aí há pela ribeira, umas pedrazinhas redondas, aquecia-as à fogueira, assim encostadas na fogueira, e depois agarrava num pano e botava-nos. Lá ia passando. E curavam-se doenças com chás, era a flor de sabugueiro, era cabeça de nardo.

Só para arreliar

Serrar a velha é às pessoas de uma certa idade. Agarram num serrotezinho velho, e agarram, por exemplo, num bocado de cortiça ou mesmo de madeira, mas geralmente, é num bocado de cortiça e diziam:

- "Ó velha!"

Era para arreliá-las.

Andavam, às vezes, atrás das pessoas e chegavam à janela, atiravam cântaros de água aos rapazes, aquilo era tudo rapazes novos, garotos.

- "Ó velha!"

E a serrar, a serrar. E cântaros de água e eles a fugirem. Outras vezes, até os homens quando estavam a arreliar as velhotas andavam atrás deles. Uma ocasião estávamos a fazer isso à velhota, o homem ia a chegar com um molho de lenha para a fogueira, e atira com ele para o chão e anda atrás da gente. Éramos todos novos, déramos à sola. Enquanto ele atirou o molho para o chão para andar atrás da gente. Aquilo não prejudicava, mas enervava.

Bichos e bruxas

O lobisomem diz que era um bicho que andava para aí de noite, desalinhado de um lado para o outro.

Benzilhonas são as bruxas.

Eram mentirosas. A pessoa queixava-se, como quando ia ao médico. Eu tenho isto, tenho aquilo, e elas diziam:

- "Olhe, você tem de mandar dizer tantas missas. Olhe que é fulano que andou a atentá-lo. Uma missa ou duas, tem de rezar isto ou aquilo para as almas se afastarem de vocês."

Era assim que diziam. Diziam aquilo à sorte. Havia aí uma sem saber ler, sem saber nada, que não lia em livro nenhum certas coisas. E as pessoas vinham de longe. Eu quando estava em Lisboa tive pessoas que perguntavam:

- "Você é dos Pardieiros? Fui lá uma ocasião a fulana assim assim."

- Então você foi lá?

- "Pois fui."

- Então como é que se achou?

- "Olhe por acaso melhorei."

Sem saber ler, sem coisa nenhuma, nunca de cá tinha saído e com os santinhos dela limpavam-no. Tive pessoas que vinham de longe. A virem cá e lá com as cantilenas dela.

Lugar

Os Ralhadores de Pardieiros

Chamam Ralhadores às pessoas de Pardieiros porque falam muito alto. Quando era o tempo das regas, as águas eram contadas. Por exemplo, eu rego tantas horas, aquela rega tantas horas. E depois era:

- "Tu tapaste as tuas tão tarde. Havias de ter tapado mais cedo para apanhar água para mim."

Há sempre essas coisas.

"Tem melhorado"

A coisa melhorou para muita gente. Em primeiro, tudo se remediava como podia. Tem melhorado muito. Estradas não havia. As águas, iam buscar aos cântaros para casa. As ruas a mesma coisa. Agora, está claro, tem melhorado tudo de há uns anos para cá. Tem melhorado. Começou a haver mais alguma coisita, de dinheiros. O Estado, nesse tempo, também não dava nada, e agora está claro, arranjou as estradas.

Namoro "*Todas gostavam da gente*"

Havia uns dias em que as encontrava e elas faziam por passar ao pé da gente. Às vezes, havia horas a falar com a gente e nós a fazer colheres, eu e mais os meus irmãos. Elas iam pela estrada em que nós estávamos para estarem ali um bocado ao paleio com a gente. Todas gostavam da gente. Mesmo estas de fora. O meu pai andava nas obras, e naquele tempo era tudo em pedra, era acartada em cestas. As mulheres acartavam a pedra e depois diziam algumas raparigas:

- "Ó, tio Zé, você há-de nos dar um filho dos seus."

- "Ó filhinas isso é com eles, agarrem-se a eles quando eles cá aparecem, isso é com eles."

Os meus pais nunca se meteram em nada dos filhos. Diziam eles:

- "Se se dessem bem estava bem, se não se dessem bem, vocês escolheram à vossa vontade."

Era assim. Nunca disseram nem aquela é boa, nem aquela é má.

Se ela gostava da gente e a gente dela, elas diziam à gente:

- "Tens de falar com o meu pai e com a minha mãe, para eles autorizarem."

Assim era. Enquanto não se falasse com eles era assim onde a gente a encontrava é que conversávamos. Depois de falar com eles, já íamos a casa, estávamos um bocadinho, às vezes, a passar a mão. Em casa, se passássemos as mãos por cima já ninguém vê. Os pais escondiam-se, os irmãos e as irmãs também desapareciam, deixavam a gente estar sozinhos.

A fonte do namorisco

Nesse tempo não havia água em casa, iam à fonte. A gente esperava-as à fonte. E elas como andavam no campo traziam os pezinhos sujos. Botavam o pezinho em cima do lavadouro e via-se a perna, a gente estávamos de defronte. Os rapazes todos e as raparigas em cordão a lavarem os pés.

"Namorei com a Natalina"

Eu namorei com a Natalina. Mas depois por uma coisa qualquer, ela foi-se embora. Ela tinha uma cunhada, a dona de uma casa na Senhora da Saúde, que começou a dizer para ela:

- "Tu se casas com ele, tu não sais daqui. Não sais daqui. Vai para Lisboa, arranjam-te lá uma casa para servir."

E ela foi para lá servir. Depois engatou lá um de Chaves, lá para cima, que era embarcação.

Competências para casar

A minha esposa, chamava-se Isaura, era de Pardieiros também e era muito amiga da minha mãe. Foram criadas ao pé uma da outra. Ela estava em Lisboa em casa de uma tia. Morreu o homem, a essa tia que trabalhava em Xabregas, na Fábrica do Tabaco, era lá apalpadeira, quando saía o pessoal era todo apalrado para não trazerem nada. Como ela estava sozinha, chamou a minha mulher para o pé dela e empregou-a lá também. Mas quando a Isaura foi para lá ainda não namorávamos. Foi para lá novita, com 19 anos. A mãe pensou em casá-la. Fomos a Arganil, lá ao Registo, diz o do Registo:

- "Então você autoriza este rapaz casar com a sua filha?"

Diz ela:

- "Eu autorizo. Eu acho que ele tem competências de olhar por ela e ela de olhar por ele. Eles gostam um do outro, então autorizo e acho que fica bem amparada."

- "Então assine aqui."

Ela assinou, a gente a mesma coisa. Tratou-se do casamento.

Só namorei cinco meses. Ela estava em Lisboa e eu também para lá fui trabalhar.

Sem beijo antes do casamento

Eu não fui capaz de ela me dar um beijo antes do casamento. Nas vésperas do casamento, mesmo à noite, ao escurecer, eu disse para a minha irmã:

- Chama a Isaura que venha aqui ao pé de mim.

E ela chamou.

- "Olha anda cá que o António disse para te dizer para cá vires ao pé dele."

Digo eu assim:

- Anda cá. Amanhã por esta hora, já se está a pôr o sol além na serra, já estamos arrumados. Vens aqui dar um beijinho, na minha cara? Anda cá.

Fugiu logo. Diz ela:

- "De amanhã em diante temos muito tempo."

Pois não fui capaz de conseguir de lhe dar um beijo e ela a mim. Naquele tempo não era como agora. Agora já dão e naquele tempo não.

Casamento Comida farta e fato à medida

A gente foi-se casar à igreja da Benfeita, viéramos para Pardieiros a pé porque, nesse tempo, ainda não havia estrada. Não era como agora, não havia carro. Convidou-se a família toda e aquelas pessoas que melhor conviviam com a gente. Fizéramos um banquete para 50 ou 60 pessoas. Quem tivesse uma casa boa, por exemplo, com duas salas, emprestava a casa e era assim.

A comida era farta de tudo, podia não haver para os outros dias mas era farta de tudo. Matava-se ali três, quatro ou cinco cabeças de gado, assavam-se nos fornos, que quase toda a gente tinha fornos, botava-se numas caçoilas, fazia-se duas caldeiras grandes, assim grandes de arroz, geralmente, eram três caldeiras,

uma de arroz branco, outra de arroz amarelo e outra de tapioca. Toda a gente comia.

Eu levava fato, mandei-o fazer em Lisboa, e ela também de lá veio preparada já, com a roupazinha dela. Comprámos a roupa dela já feita. A minha não, a minha para ficar mais preparada para o meu corpo, comprei o pano lá nos armazéns, e depois o alfaiate é que tomava a medida e depois punha o fato à medida do corpo.



António Soares e a esposa Isaura

Segunda esposa, uma companhia

A Maria do Carmo já trabalhava ao pé de mim. Ela tratava bem o homem. Também me ajudava no meu trabalho, tanto ela como o homem. Depois, o homem morreu e ela continuou a ajudar-me na mesma. Conforme no tempo do homem eles me ajudavam a mim, eu também os ajudava. Andáramos assim uns dois anos. Ela a ajudar-me e eu a ajudá-la sem termos nada um com o outro.

Eu tinha respeito com a mulher. Respeitava-a no tempo do marido, era a mesma coisa. E ela a mim. Mas começaram a ladrar, colegas e coisa:

- "Eles gostam de andar um ao pé do outro. Eles estão-se a ajeitar."

Ela tinha um filho e tem. Estava lá para fora para Zamora. E depois ela estava sozinha. Estivemos juntos por 20 anos, lá em Lisboa. Que ela tinha casa e eu também.

Ela estava a trabalhar ao pé de mim na praça. Conforme eu trabalhava, ela trabalhava mais o marido para uns fulanos. Vinha a camioneta de fruta, acartavam para dentro da praça. É claro, que a gente estava a olhar por aquilo. Os patrões iam para casa e a gente ficava a arrumar e a olhar pelas coisas. Mas também era boa pessoa, e todos gostavam do trabalho dela, era muito séria. Ela fazia o serviço de umas quantas Cooperativas da Guarda. Trazia o dinheiro que faziam, a um fulano que estava a vender, dessa Cooperativa de Frutos da Guarda. Ia fazer o serviço e depois trazia o dinheiro para o Largo do Caldas.



Maria do Carmo, a segunda esposa de António Soares

Percurso profissional Primeiro as colheres, depois a tropa e até ao fim a fruta

Quando estava cá fazia colheres. Mas depois da tropa é que tive de ganhar o dinheiro para me casar, porque antes o que ganhava em casa, a gente ficava com alguma coisa, mas o resto era para o pai. Quando terminei a tropa continuei por Lisboa a ganhar dinheiro para as minhas despesas. Andei lá no duro, sempre

no duro. Quando um fulano não sabe ler é só a trabalhar no duro. Se soubesse ler era mais fácil arranjar um trabalhinho mais lento, e assim não. Assim a gente tinha de se sujeitar para ganhar alguma coisa.

"Era cada suadela"

Já trabalhavam, em Lisboa, uns primos meus aqui de Pardieiros e um irmão meu, mais velho. Enquanto andei na tropa, sábados e domingos ficava ao pé deles, eles tinham lá um quarto grande, tinham duas camas, e eu também lá dormia. De madrugada íamos para a praça ajudar, ia aprendendo, comia ao pé deles, e depois davam-me um qualquer tostãozito. E foi assim no começo da vida.



António Soares na tropa

A tropa, para mim, tudo saiu mal. Éramos 20 e tal rapazes, parece que uns 28 homens, que fôramos à inspecção, da freguesia. Éramos todos conhecidos, todos da mesma idade, nos bailes juntávamo-nos uns com os outros. Todos foram para vários quartéis. Eu que nunca tinha pegado numa rédea de um cavalo, que

nunca tinha andado em cima de nenhum, fui para a cavalaria. Custou-me a roer aquilo. Então tantos homens e nenhum foi para aquilo, senão eu. Teve que ser e lá fui. No meu pelotão eram 60 homens. Na primeira vez, os cavalos estavam todos perto e a gente formou tudo atrás deles. As cocheiras eram empedradas e nós "trum, trum", a gente mesmo arrumado a eles, a perder o medo. Depois disseram-me:

- "Pegue lá no seu cavalo, que está atrás de si."

E saíramos para a rua. E a gente sem nunca ter pegado, foi lixado. Depois, andáramos em corridas e uma vez caí num picadeiro. Andava em volta e passaram 60 cavalos por cima de mim. Era tudo à brutalidade. A gente não sabia. O primeiro cavalo é que pode pisar a gente, os outros já não pisam, saltam. E, além disso, foi uma arma de muito trabalho. Aquilo dos cavalos, havia dias que vinham ali duas a três camionetas grandes de milho, duas ou três camionetas de favas, fardos de palha, para as camas e para eles comerem. Muitas vezes, apetecia-nos descansar, que tínhamos vindo de qualquer lado de andar nas corridas mas ainda tínhamos de descarregar as camionetas. Apanhávamos lá cada suadela. Passáramos muito trabalho naquelas coisas, não tínhamos descanso nenhum.

A acartar fruta, sempre no duro

Depois de casar continuei em Lisboa mas fiquei em casa da tia da minha esposa, era sozinha, tinha três quartos, ainda tinha um quarto sem servir. Eu gostava de estar em Pardieiros mas uma pessoa cá não ganhava o capaz. E eu, está claro, comecei a namoriscar com a rapariga e também gostava de lá estar em Lisboa. Depois trabalhava na Praça da Figueira e de tarde ia trabalhar na Calçada de Santana levar cargas de bananas para mercearias, para lugares. O patrão vendia para essas casas, para mercearias e lugares, e a gente, à tarde, para ganhar mais alguma coisa, ia ter com ele e ele dizia:

- "Você vem de tarde que é para levar umas bananas a fulano e a fulano."

Eu pegava em tudo para ganhar alguma coisa. Era um tanto por cada carga. Não tinha assim ordenado certo. E era assim, sempre no duro. Foi assim até vir agora para cá. Vim há uns quatro anos. A mulher morreu-me e depois a segunda também lá trabalhava na praça, também se lhe chegou a idade. Ela tinha menos sete anos que eu. Tem piada, a minha primeira mulher também era mais nova do que eu, também tinha menos uns sete anos. Porque ela casou-se com 19 anos e eu já tinha 24 ou 25 anos.

Quotidiano "*É silvas, é fetos, é tudo*"

Eu tinha muito que fazer mas não posso. Vou dar umas voltas. Ainda ontem fui fazer umas limpezas debaixo de uma figueira, que tem silvas e fetos. Fui limpar aquilo para qualquer dia ir aos figos. As oliveiras estão cheias de silvas porque desde que a minha mulher morreu, esta última, nunca mais apanhei azeite. É silvas, é fetos, é tudo. Eu tinha muito para fazer mas não posso.

Sonhos *Apanhar o azeite*

O que eu gostava era de apanhar o meu azeite todo. Antigamente, tinha aos 500 litros de azeite, fartava-me de apanhar mas era quando tinha esta última mulher, a Maria do Carmo. Às vezes, botava a escada, a gente aqui era com a escada nas oliveiras, e ela não tinha medo e dizia:

- "Eu vou lá, eu vou lá."

Chegava pelas escadas acima, chegava ao cimo, até tinha um "repigador"³, para "repigar"⁴ a azeitona. Aquilo ela sacudia a azeitona que era um instante.

³instrumento para apanhar azeitona da oliveira

⁴apanhar azeitona da oliveira